



COMUNICADO DA APEVT

Sobre as aulas de EVT às quais assistiram os deputados da Comissão de Educação e Ciência da Assembleia da República

Tal como foi avançado pela APEVT, a Comissão de Educação e Ciência e os deputados que a compõem, de todos os grupos parlamentares, foram convidados no início deste mês a assistir a aulas de EVT para que pudessem constatar da realidade da docência desta disciplina do 2º Ciclo do Ensino Básico, na especificidade do seu modelo de docência em par pedagógico.

O convite foi aceite por alguns deputados e, no presente momento transmitimos aqui, a todos os cidadãos, uma nota informativa a comunicar/relatar sinteticamente o que aconteceu e como decorreram as actividades.

Dia 16 de Março de 2011 (das 8h20 às 9h50)

À turma dos docentes de EVT, Paulo Rosa e Joana Silva

Escola do 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico Sophia de Mello Breyner Andresen

Brandoa – Amadora

Unidade de Trabalho (UT): Carnaval: Máscaras de Veneza

Numa breve caracterização da turma, esta é composta por vinte alunos do 5º ano de escolaridade, isto porque um dos alunos tem Necessidades Educativas Especiais (NEE). É um grupo de alunos com um comportamento de nível Bom, ao contrário de muitas turmas da escola, visto que a escola tem turmas com graves problemas disciplinares.

A UT que está a ser desenvolvida com a turma ainda vem no seguimento e continuidade do Carnaval. Os alunos estão a completar o processo construtivo das máscaras de carnaval, em gesso, e aplicando adereços/adornos às suas máscaras, para depois procederem à pintura das mesmas. Em paralelo estão a construir uma moldura em madeira para colocar as vinte máscaras, para aplicar num local interior da escola, numa forma de exposição em permanência.

Nesta fase da UT a turma está dividida em três grupos: os que colocam os adereços/adornos em gesso nas máscaras, os que pintam as máscaras, e os que vão construir em madeira a moldura para as máscaras. De frisar que esta é uma turma reduzida, devido ao aluno com

NEE, o que significa que existe a necessidade de apoio permanente de um professor a este aluno, fazendo com que o outro professor seja obrigado a um trabalho extra, para conseguir dar apoio a todos os outros alunos.



Na aula estiveram presentes os deputados Miguel Tiago (PCP), José Manuel Rodrigues (CDS-PP) e Michael Seufert (CDS-PP). Infelizmente não compareceu o deputado José Luís Fagundes Duarte (PS e Presidente da Comissão de Educação e Ciência) depois de ter confirmado a presença e a ausência do PSD e PS que não responderam a nenhum convite, quer pessoal ou através da APEVT.



Nesta aula os deputados puderam contactar com a realidade de dois professores de EVT em sala de aula. Os deputados que pertencem à Comissão de Educação e Ciência já tinham um

conhecimento do funcionamento das aulas e constataram, mais uma vez, que existe verdadeiramente a necessidade da manutenção do par pedagógico na disciplina. Essa necessidade da manutenção do par pedagógico advém da disciplina se caracterizar por ser de carácter prático (do saber e do saber fazer) e dos riscos que acarreta, para os alunos, o manuseamento de materiais e ferramentas que têm sempre de ter uma supervisão de dois professores, visto que hoje em dia temos turmas com vinte e oito alunos, com cerca de 10 a 11 anos no 2º Ciclo do Ensino Básico. Na opinião dos deputados, professores e alunos, com a eliminação do par pedagógico, os alunos vão perder uma disciplina que desenvolve a criatividade e o gosto pelo trabalho manual em si. Como disse Miguel Tiago (PCP) “hoje temos um regime onde se pede apenas que os alunos saibam contar, escrever e ler”. Aliás mais do que isso pode ser incómodo no futuro, por isso há que cortar a criatividade, o desenvolvimento criativo e tecnológico dos alunos.



José Manuel Rodrigues (CDS-PP) e Michael Seufert (CDS-PP) e Miguel Tiago (PCP) puderam interagir com os alunos durante todo trabalho que estava a ser desenvolvido, em sala de aula ao qual acharam bastante interessante. Aliás, essa interacção foi bastante interessante e nada incómoda para os alunos, já habituados a vários docentes em sala de aula. Os alunos, participaram, foram colaboradores e estiveram sempre prontos a esclarecer qualquer dúvida ou responder a qualquer questão que lhes era colocada.

No final da aula os Senhores Deputados responderam a duas perguntas que tinham sido previamente formuladas pelos alunos. Essas perguntas foram:

- 1 - Na vossa opinião, porque é que o primeiro-ministro acha esta disciplina supérflua?
- 2 - Numa altura de crise, porque é que se manda tantos professores para o desemprego, visto que vão ter de lhes pagar os subsídios de desemprego? Não seria mais proveitoso para o país estarem a trabalhar?

Essas questões foram respondidas pelos deputados José Manuel Rodrigues (CDS-PP) e Miguel Tiago (PCP). Referente à primeira pergunta José Manuel Rodrigues, claro que não pode responder em nome do primeiro-ministro, mas explicou a importância da disciplina do desenvolvimento cognitivo do aluno. Na segunda pergunta, Miguel Tiago, tentou explicar como se processa a contenção de despesa do estado e que este não será o melhor caminho para atingir a diminuição da despesa pública. Afirmou que estas medidas não são mais do que medidas economicistas e nada pedagógicas. Que o Ministério da Educação não teve nenhum parecer favorável para a eliminação do par pedagógico.

Em conclusão, os deputados representantes do CDS-PP e PCP estão completamente de acordo com a manutenção do par pedagógico na disciplina de Educação Visual e Tecnológica (aliás, já posição bem definida publicamente por estes grupos parlamentares) e que as medidas que estavam explícitas no Decreto-Lei nº. 18/2011 de 2 de Fevereiro não eram mais do que medidas economicistas e que nada beneficiariam a aprendizagem dos alunos e que tinham como principal objectivo “mandar” para o desemprego milhares de professores, criando um grave problema social.

Na opinião dos deputados, o “pontapé de partida” para a revogação do Decreto-Lei nº. 18/2011, foi a concentração/manifestação realizada no dia 8 de Fevereiro à porta da Assembleia da República pelos professores de EVT aquando da audição da Senhora Ministra da Educação numa das sessões da Comissão de Educação e Ciência.

Miguel Tiago terminou apelando aos professores que não baixem os braços e continuem a luta.

(Testemunhos de Paulo Rosa e Joana Silva)

Dia 16 de Março de 2011 (das 10h20 às 11h50)

À turma dos docentes de EVT, Carlos Gomes e Carlos Charrua

Escola do 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico Francisco de Arruda

Lisboa

Com toda a pontualidade, Ana Drago e a assessora, Margarida Santos, compareceram na aula de EVT integrada na Unidade de Trabalho com o enunciado **CONSTRUÇÃO DE CABEÇUDOS, A PARTIR DA RECRIAÇÃO DE PERSONAGENS (VILÕES) DE BANDA DESENHADA, FÁBULAS E CONTOS E LENDAS DA MITOLOGIA**. Os alunos, organizados em cinco grupos de trabalho, após terem realizado o registo de ideias e procederem ao estudo da estrutura interna do cabeçudo, executam a CONSTRUÇÃO DAS ESTRUTURAS com tiras de cartão e cartolinas coladas e agrafadas, acrescentando a estas os elementos que caracterizam os personagens: olhos grandes, chapéus, bocas, orelhas, cabelos, bicos, bigodes, com papel amarrutado e fita-cola de papel. Foram referenciados alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) integrados nos trabalhos em curso e as responsabilidades acrescidas que a inclusão destes alunos exige. Deu-se ênfase às instalações de qualidade superior (dado que a EB 2,3 Francisco de Arruda dispõe de cinco salas de EVT, reestruturadas e equipadas “luxuosamente” por intervenção do empresa Parque Escolar). Constatou-se, também, a dinâmica da aula, a intensidade de assistência grupal e individual requerida ao par pedagógico. Observou-se a diversidade de utensílios em presença, assim como o tipo de materiais requeridos e a requerer na continuidade da unidade de trabalho.

Na oportunidade, foram mostradas as instalações específicas do Departamento de Expressões, assim como os edifícios intervencionados.





A jornalista presente (Kátia Catulo, do Jornal i) questionou os professores sobre a capacidade de organização e assistência aos vários grupos de alunos, uma vez que tinha reparado que havia várias solicitações em simultâneo? Os professores responderam que antes de começar a aula já prevêem qual/quais os grupos que vão necessitar de (mais) ajuda imediata, uma vez que estão em diferentes níveis de desenvolvimento e dificuldade do trabalho. Para além disso, os grupos foram criados de forma, o mais equilibrada possível, com alunos com dificuldades e um líder que surge (projecto de mentoria).



À questão de, em que é que a monodocência iria invalidar a disciplina de EVT, os professores alegaram que o carácter prático e experimental da disciplina seria drasticamente afectado com um professor a dar assistência a turmas de 26 alunos ou 21 e alunos com NEE, como acontece com frequência nesta escola. Deste modo, remeter-se-ia a disciplina única e exclusivamente



Comunicado 8 | APEVT – Associação Nacional de Professores de EVT
16 de Março de 2011 | 23:30 Horas | Porto

para a sua componente visual, através de registos gráficos. Salientaram ainda que, nas disciplinas do 3º ciclo de Artes Gráficas e Arte Digital (que também leccionam) são semestrais e com a turma está dividida em metade, isto apesar dos alunos serem mais velhos, já terem adquirido competências técnicas e que dominarem alguns instrumentos e materiais.

Foi uma visita muito agradável que proporcionou mostrar o trabalho em contexto de sala de aula de EVT e de todo o envolvimento organizacional necessário aos bons resultados educativos de uma disciplina de sucesso como é EVT.

(Testemunhos de Carlos Gomes, Carlos Charrua e Cristina Freire)

APEVT

16 de Março de 2011